

EDUCAÇÃO e ————— TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade

Instituto Politécnico da Guarda

Director

João Bento Raimundo

Redacção

Serviços Centrais do IPG - Quinta do Zambito

6300 Guarda

tel. 222634 * telecópia 222690

Composição

Gabinete Editorial do IPG

Execução Gráfica e Impressão

Secção de Reprografia do IPG

Periodicidade

Semestral

Tragem

1.000 ex.

Depósito Legal

nº 17.981/87

PARA ALÉM DA MEMÓRIA ...

Mercê de um esforço determinado, orientado desde o início por princípios de valorização do potencial humano e regional, foi possível, ao longo dos últimos seis anos, dotar a região com a realidade que é actualmente o Instituto Politécnico da Guarda.

Concretizámos igualmente a abertura do Pólo de Seia deste Instituto; para além do seu alcance cultural e social, ficou bem evidenciado que, quando há diálogo, empenho colectivo, preocupação pelos interesses da comunidade, o progresso resulta no tempo presente e imprime perspectivas de futuro. Partilhamos assim da opinião de João de Araújo Correia, *"não é preciso que os homens sejam anjos. Mas o tempo que a mesquinhez desperdiça em mesquinhas, se fosse aproveitado, cinquenta por cento que fosse, em elevadas missões, faria de meio fruste um grande meio e, de meio grande, um meio sublime"*.

O Instituto Politécnico da Guarda — com toda a sua estrutura humana, técnica e administrativa — protagonizou a mudança, integrou-se na comunidade regional, assumiu-se como motor de desenvolvimento nas suas múltiplas facetas; caracterizou nesta interligação real, permanente, o símbolo do Portugal moderno e do papel de grande responsabilidade que incumbe ao ensino superior politécnico. Tal responsabilidade passa também por uma actividade editorial que seja incentivo constante a novos trabalhos, à reflexão e à investigação. É esse o desafio que a nossa Revista deixa em cada edição, entrelaçando-se na obra que está consubstanciada neste Instituto Politécnico.

Como escreveu o Padre António Vieira, *"as razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória, e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento"*.

João Raimundo
Presidente da Comissão Instaladora
do Instituto Politécnico da Guarda

A VISÃO DA EUROPA EM OS LUSÍADAS DE CAMÕES*

Júlio Pinheiro**

Ao verem anunciado o tema desta Oração de Sapiência muitos terão exclamado, recordando os melhores tempos do liceu: - ainda outra vez Camões! ... Os pragmáticos terão mesmo posto a questão sobre a importância de um épico do século XVI num tempo voltado para a técnica, o objectivo, o real. Alguns mais avisados ter-se-ão mesmo interrogado sobre a relação que é possível estabelecer entre a visão de Camões e a Europa actual, a Comunidade Europeia um dia sonhada por Robert Schuman e posta em marcha por Jean Monnet (1).

Falar de Camões, um grande humanista, para literatos é sumamente reconfortante e para os científicos é na realidade oportuno.

Todo o homem deve procurar viver na harmonização de múltiplas visões e de variadas culturas(2). Um profissional saído dos Institutos Superiores Politécnicos terá todo o interesse em conhecer Petrarca e Dante na Itália, Shakespeare e Dickens na Inglaterra, Victor Hugo e Molière na França, Cervantes e Lope de Vega na Espanha. Inversamente, quando um grande técnico se desloca ao nosso país, deverá testemunhar que conhece algo da

* Oração de Sapiência apresentada na sessão solene de abertura do ano lectivo de 1992/93, presidida pelo Senhor Ministro da Educação, em 1 de Dezembro de 1992.

** Professor Coordenador
Presidente do Conselho Científico da ESEG.

(1) Foi às 18 horas de 9 de Maio de 1950 que Robert Schuman declarou inaugurada a C.E.C.A. (comunidade económica do carvão e do aço) que esteve na origem da C.E.E., hoje C.E.. Jean Monnet, nascido em Cognac no ano de 1888, foi depois nomeado presidente da dita comunidade.

(2) Recordo a este propósito que há muitos directores de grandes empresas, como é o caso da Volkswagen alemã, saídos dos cursos de letras.

O director geral da referida empresa dizia em entrevista aos meios de comunicação social em França que para vender automóveis tinha que começar por falar da cultura dos países a que se dirigia.

nossa cultura de que fazem parte Camões e Fernando Pessoa.

Deixemos esta questão para considerar a última pergunta adiantando desde já que a visão camonianiana da Europa permanece actual porque ela é profunda. Vivendo o drama da transcendência da acção por vezes recusada e a procura da afirmação do individual como base das soluções colectivas, Camões aponta para uma esperança que permanece para além do tempo e dos tempos sucessivos.

É isso que vamos ver através duma viagem pela Europa numa perspectiva de globalidade, detendo-nos depois em alguns países mais representativos do velho Continente: a Alemanha, a Itália, a França e a Inglaterra. Sentiremos as contradições do Continente Europeu sempre à procura da sua identidade, da sua memória, porque na Europa os ventos sopram permanentemente como dizia Dostoiévsky.

Logo no início do poema, o rei da ilha de Moçambique pede a Vasco da Gama que lhe conte a genealogia do seu povo, as glórias da sua gente.

Que gente será esta? (em si diziam)

Que costumes, que lei, que rei teriam?

(I, 45)⁽³⁾

Ao ver chegar gente estranha os nativos vivem momentos de suspeita e inquietação.

O capitão da armada lusitana responde de forma sintética.

Os portugueses somos do Ocidente,

Imos buscando as terras do Oriente.

(I, 50)

Nesta identificação temos o encontro de dois mundos que se opõem: o Ocidente que é noite e o Oriente que é luz. A acção é colectiva (a forma verbal *somos* e *imos* é plural) e ao mesmo tempo trabalhosa (é a função da perifrástica). Em primeiro lugar os *portugueses*, filhos do Ocidente, filhos da Europa. Esta é afirmação fundamental.

Logo a seguir o narrador começa a falar dos povos, utilizando designações antigas como a significar que a Europa tira a sua força do passado, das raízes em que se fundamenta, da memória que é identidade.

Na narrativa faz-se alusão aos mares circundantes, aos rios que são fronteiras, às neves e aos frios do norte e às claridades do sul (III, 6 - 21). O poeta está mais próximo dos geógrafos da antiguidade do que dos humanistas do seu tempo. O retrato é simples, reduzido ao essencial com uma caracterização sumária a

(3) Para as citações de *Os Lusíadas* utilizámos a edição: *Os Lusíadas de Luís de Camões com leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão* - Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1989.

que não faltam referências míticas e ideológicas⁽⁴⁾.

Depois de termos acompanhado o poeta pelo Norte e pelo Centro da Europa, eis-nos chegados à Península Ibérica.

*Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça alti de Europa toda,
Em cujo senhorio e glória estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;* (III, 17)

Na Espanha encontramos *belicosos feitos* (III, 17).

Com nações diferentes se engrandece (III, 18) pois não falta aos povos de Espanha a nobreza e o valor que já demonstraram na luta *contra a gente mahometa* (III, 19).

Chegamos finalmente a Portugal.
*Eis aqui, quási cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.* (III, 20)

Notemos antes de mais alguns índices plenos de significado. A Europa é vista como uma totalidade do Atlântico ao Oural, num continente aberto, sem contornos nem fronteiras. O reino lusitano é a parte mais ocidental da Europa.

Entre as duas estâncias referidas há um paralelismo notório. Trata-se de dois povos que devemos contemplar (*ets*). Há várias expressões que são comuns às duas estrofes: *ets, aqui cabeça, Europa toda*. Tal facto sugere-nos uma certa identidade entre a Espanha e Portugal na perspectiva do narrador. A Espanha é a cabeça da Europa enquanto o Reino lusitano é quase o cume dessa cabeça. Ora neste cume da cabeça, a auréola, o ponto mais alto só pode ser a cidade da Guarda onde, para chegar, todos temos que subir. É por isso que aqui todos somos mais.

Se para Camões a Europa é importante, essencial, também para Fernando Pessoa a Europa é o fundamento de todos nós. A Europa dedica o autor o primeiro poema da *Mensagem* que termina assim:

*Fita com olhar esfingico e fatal
O Ocidente, Futuro do passado
O rosto com que fita é Portugal*⁽⁵⁾.

O futuro da Europa está no passado e a visão do velho continente sobre o resto do mundo passa por Portugal. O olhar de toda a Europa é o nosso olhar, quer para Fernando Pessoa, quer

(4) Algumas referências de Camões põem-nos interrogações pelo inesperado das suas análises. Está neste caso a *inculta Noruega* (III, 10). Porquê *inculta*?

(5) Fernando Pessoa. *Mensagem*, Lisboa, Editorial Ática, s/d, p. 21.

para Camões⁽⁶⁾. E por isso que Portugal não se pode compreender sem a Europa e sobretudo sem a Europa cristã, numa abertura aos grandes espaços de um horizonte sempre à nossa vista e jamais ao nosso alcance.

Mas voltemos à Europa, às outras referências que o narrador faz ao velho continente.

A Europa tem uma origem mítica. O autor sabe que a armada de Vasco da Gama chegou a Melinde a 15 de Abril de 1498, domingo de Páscoa. No entanto esquece a data precisa para dizer simplesmente que entrava

No roubador da Europa a luz Febeia (II, 72).

O sol, a luz *Febeia*, entrava na constelação do Touro, animal sobre cujo dorso atravessara os mares a bela filha de Sidon, chamada Europa, o mesmo nome do velho continente⁽⁷⁾.

É importante notar que o autor exprime uma data de modo indirecto. E, de resto, um processo habitual de exprimir o tempo na epopeia lusitana. Embora contando factos reais, recusando *vãs façanhas, Fantásticas, fingidas, mentirosas* (I, 11), o autor elimina todas as datas exceptuando três. Destas só uma é apresentada de forma directa, enquanto outras são expressas de forma indirecta, através de festas religiosas, ou dos signos de Zodiaco⁽⁸⁾.

Camões recusou os tempos para ficar só com o tempo, visto como um valor, inacessível, sagrado. É por isso que nós portugueses não temos tempo, porque o temos sempre para os outros. Neste aspecto somos bem diferentes dos povos da Europa industrializada. Na nossa vivência temporal há muito da cultura árabe e dos ritmos africanos.

Mas vejamos como o poeta analisa a Europa, depois de focar a sua origem mítica. O autor apresenta várias características.

A Europa é *forte e belicosa* (I, 64),

soberba (II, 80; III, 6), *rica* (VII, 12), *una, toda* (III, 17 e 20). Ela é sobretudo cristã. Recordemos somente a voz de Thetis.

Vês Europa Cristã, mais alta e clara

Que as outras em polícia e fortaleza.

(X, 92)

(6) Recordemos a este propósito que o verbo *ver*, com as suas 444 frequências, é o verbo mais utilizado pelo autor de *Os Lusíadas*. Várias razões podemos apontar para esta obsessão do poeta. Ver a este propósito a minha tese de Doutoramento *Le Temps dans la Structure des Lusíadas*, edição fotocopiada.

(7) Embora Europa seja o nome de várias heroínas, aquela a que o poeta se refere é a mais célebre. Ela teria sido amada por Zeus a quem deu três filhos. cf. Pierre Grimal, *Dictionnaire de la Mythologie grecque et romaine* - Paris, P.U.F. 1976. p. 150.

(8) A única data directa é a da partida da armada de Vasco da Gama, 1497.

*"Cursos do Sol catorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria"* (V, 2).

As datas indirectas são apresentadas servindo-se o autor dos signos do Zodiaco cf. IV, 27; I, 42, ou das festas cristãs: Páscoa (II, 72), Epifania (V, 68) e Santa Catarina (X, 43).

A Europa é para Thetis, que descreve a máquina do mundo, sobretudo cristã, uma casa comum onde reina o mesmo ideal e a mesma grandeza, à procura de uma unidade religiosa que se tinha desfeito⁽⁹⁾.

A Camões tinham chegado os ecos do Concílio de Trento que preconizava uma renovação da Igreja com uma nova estrutura e uma outra pedagogia. A epopeia é um testemunho de uma época, de um humanismo florescente, de uma inquietação cultural. Os *Lusíadas* é sobretudo uma voz militante, um apelo aos homens através dos exemplos do passado, uma profissão de fé feita com simplicidade e emoção profunda.

*A Lei tenho d' Aquele a cujo império
Obedece o visível e invisível,
Aquele que criou todo o Hemisfério,
Tudo o que sente e todo o insensível;
Que padeceu desonra e vitupério,
Sofrendo morte injusta e insofribil,
E que do céu à Terra enfim deceu,
Por subir os mortais da Terra ao Céu.*

(I, 65)

Como é admirável esta profissão de fé, forte no seu conteúdo dogmático, audaz numa época em que o teocentrismo cedia o seu lugar à afirmação do homem, como centro do universo e condutor da sua própria história. Como bem observa Eduardo Lourenço, Camões testemunha a sua fé num tempo "*où le visage du Christ en majesté - celui de la Cathédrale, de Chartres - s'efface et commence à laisser percer celui du Christ-Don Quichotte, en attendant de devenir celui de l'Idiot dostotewsquien*"⁽¹⁰⁾.

É ainda Eduardo Lourenço que recorda que na descrição da máquina do mundo a Europa é a primeira no desfile dos continentes, mas a perspectiva do narrador já está num ponto ideal, extra-europeu.

Pela sua visão, pelo seu génio, Camões antecipa-se aos grandes escritores e filósofos que depois dele sonharam com uma Europa unida. Recordemos entre outros os seguintes pensadores europeus apresentados de forma ordenada cronologicamente.

Sully chora sobre as ruínas causadas pelas guerras e cria um projecto para uma Europa de nações. Leibnitz adverte contra os perigos de uma Europa em desavenças. Rousseau sonha com uma paz universal numa república de povos. Novalis não acredita numa Europa que não se alicerce nas suas raízes cristãs. Bentham propõe um plano de paz perpétua e universal. Saint-Simon,

(9) Notemos que *policia* tinha no século XVI o significado de civilização.

(10) Eduardo Lourenço, *Nós e a Europa ou as duas razões*, Lisboa, INCM, 1990, p. 93.

Nota: Eduardo Lourenço, um dos maiores pensadores contemporâneos, estudioso profundo da nossa identidade portuguesa, é natural de S. Pedro do Rio Seco, concelho de Almeida no Distrito da Guarda.

embora vivendo no século passado, advoga já uma união económica para a Europa. Husserl escreve as suas meditações filosóficas sobre a crise do povo europeu.

Ortega e Gasset chama a atenção para as fronteiras fatais. Benadeto Croce vitupera os ódios do fascismo. Pasolini, Paul Eluard, Aragon cantam a resistência e a necessidade de luz⁽¹¹⁾.

Inumerável seria a plêiade dos grandes pensadores desde S. Bento, pai da Europa cultural e científica, passando por Montesquieu que preconizava uma Europa como "*un état composé de plusieurs provinces*", até Adenauer e De Gasperi, para quem sem a união dos povos não seria possível evitar a guerra.

Uma Europa que por ser velha precisa de ser refeita a cada momento. É por isso que é sempre actual o grito do general De Gaulle quando em 9 de Julho de 1947 proclama: — *Il m'a semblé et il me semble qu'il est avant tout nécessaire de refaire la vieille Europe, de la refaire solidaire.*

Portugal tem uma grande responsabilidade neste refazer permanente, nesta reconstrução da Europa da qual somos *quase cume* e também o olhar. À semelhança do Capitão da aventura da Índia, cada um de nós se veste de modo a ser Europa.

Vestido o Gama vem ao modo Hispano,

Mas Francesa era a roupa que vestia,

De cetim da Adriática Veneza,

Carmesi, cor que a gente tanto preza;

(II, 97)

O descobridor veste à moda da Espanha. A roupa foi feita em França (já a moda naquele tempo é francesa). O tecido veio de Veneza. Vasco da Gama é ao mesmo tempo português, espanhol, francês e italiano, isto é, latino. Não é um indivíduo mas um símbolo, síntese duma Europa que se diz cristã, humanística e civilizadora.

Sigamos agora Camões na sua análise da Alemanha, da Itália, da França e da Inglaterra e veremos como a sua visão se mantém actual. Merecerá especial atenção a Espanha e Castela. Portugal, embora parte integrante da Europa, não será aqui estudado exaustivamente.

O nome próprio *Alemanha* aparece três vezes no poema para referir o Império da Alemanha (III, 11) a que estão submetidos alguns povos. Na Alemanha combate um português contra um germano que o quis matar (VI, 69). No fim do poema os alemães são contrapostos aos portugueses que são mais para mandar do que para ser mandados (X, 152).

No entanto o que nos interessa especialmente é esta

(11) Ver Jean-Pierre Faye *L'Europe Une*, Paris, Gallimard, 1992.

estância que passamos a analisar na sua idela - força.

*Vede'los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta;
Do sucessor de Pedro rebelado,
Novo pastor e nova seita inventa.
Vede'lo em feias guerras ocupado,
Que inda co cego error se não contenta,
Não contra o superbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.*

(VII, 4)

A Alemanha revoltou-se contra o sucessor de Pedro, inventou um novo pastor e uma nova seita, o protestantismo.

No texto faz-se alusão às guerras com Carlos V e lastima-se que não se empreguem as forças militares para ir combater os otomanos.

O que mais fixa a nossa atenção é o epíteto de *soberbo gado*. Considerar o povo alemão soberbo é quase um lugar comum. Estranhámos, no entanto, que o poeta lhe chame *gado* ⁽¹²⁾.

O gado doméstico, dos campos de cultura, tem como característica fundamental o viver em grupo, pois tem um forte sentido gregário sobretudo nos momentos de defesa ou de agressão. Dizer que o povo alemão é *gado* não é tomar uma atitude pejorativa ⁽¹³⁾.

Mas tal designação talvez nos ajude a compreender a grandeza dos alemães, o seu estilo de vida, a sua capacidade de disciplina, a facilidade de seguir um chefe. Nesta perspectiva visionamos melhor a catástrofe que foi o nazismo, ideologia sempre capaz de renascer no povo germânico. É que o gado reproduz-se como é, sem grandes mudanças naquilo que faz a sua identidade, a sua razão de ser e de operar. A síntese de Camões não podia ser melhor e ela é bem actual.

Passemos da Alemanha para a Itália e vejamos o que diz o poeta acerca das gentes que habitam para além dos Alpes, os italianos.

Lembra em primeiro lugar que os lombardos são descendentes dos escandinavos (III, 10) e que a península foi invadida por Átila, *de Deus açoute horrendo*. (III, 100). Não saciado na sua expansão o chefe dos mouros trouxe a assolação à Europa central vindo a ser derrotado nos arredores de Châlons-sur-Marne em 451, pelas tropas conjuntas de Aécio, general

(12) Recordemos a este propósito que *gado* se diz também vivo em algumas regiões da Beira Alta. Esta designação é altamente significativa pois os animais aparecem como vida e fonte de vida. Os linguistas têm estudado esta particularidade da linguagem regional, distinguindo entre outros Palva Boleo e Lindley Cintra, o célebre autor de *Os Foros de Castelo Rodrigo* I, edição da I.N.C.M.

(13) É bom ter presente que em latim *gado* dizia-se *pecus*, nome que está na raiz do adjectivo *peculiar*. O ter *gado* é que testemunha a riqueza de certas pessoas, caracterizando os donos dos animais.

romano, Meroveu, rei franco e Teodorico rei dos visigodos de Espanha, morto na batalha (IV, 24).

Por *Itália celebrada* passa um mensageiro enviado por D. João II às terras do Oriente (IV, 63).

Fixemos a nossa atenção nesta estância onde o poder de análise do poeta é perfeito.

*Pois que direi daqueles que em delicias,
Que o vil ócio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divícias,
Esquecidos do seu valor antigo?
Nascem da tirania inimicicias,
Que o povo forte tem, de si inimigo.
Contigo, Itália, falo já sumersa
Em vícios mil, e de ti mesma adversa.*

(VII, 8)

Acabamos de verificar que os italianos gastam as riquezas e a vida no ócio que por vezes é vil, neste tão conhecido *fare niente* - nada fazer - tão querido dos transalpinos. Destruídos por mil vícios já não têm o valor antigo. Porque a tirania é fonte de ódios, o povo está dividido em grupos que se odiam e matam ⁽¹⁴⁾.

Este admirável retrato dos italianos não mantém perfeita actualidade?

Deixemos agora a Itália de *si mesma adversa* para visitar a França, que merece ao poeta uma maior atenção. Na realidade, a França com outros nomes de seu campo semiótico é referida onze vezes. Seguindo a ordem discursiva encontramos primeiramente Vasco da Gama vestido com roupa francesa (II, 97). A França é ainda referida a propósito de Átila, o fero Huno que é acoite dos povos (IV, 24). Um francês é morto pelo Magriço (VI, 68) e um pirata francês é vencido pela armada de Martin Afonso de Sousa nas costas do Brasil em 1531. A França é ainda lugar de passagem dos mensageiros enviados pelo rei português com o fim de preparar as descobertas (IV, 61).

Pela França passou também o Magriço a caminho das terras de *Frandes* (IV, 56). Nas terras gaulesas se notabilizaram Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Anes e Fernando Martins de Santarém, vencedores em justas e torneios (VIII, 26). D. Afonso Henriques é comparado a Carlos Magno, rei de França (I, 13), enquanto Vasco da Gama não é digno de César por não amar as artes e as ciências como o conquistador das Gálias.

*Vai Cesar subjugando a França
E as armas não lhe impedem a ciência;*

(V, 96).

(14) Não é possível ler estes versos sem pensar imediatamente na Maísta italiana, causa de inimizades, de lutas e mortes entre grupos rivais. São estes grupos, autêntica tirania, que são fonte de extermínios sem conta.

Deixando de lado a referência aos galos (X, 152) prestemos atenção a estes versos.

*Pois de ti, Galo indigno, que dizes?
Que o nome "Cristianíssimo" quiseste,
Não para defendê-lo nem guardá-lo,
Mas para ser contra ele e derribá-lo!*

*Achas que tens direito em senhorios
De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Ciníflo e Nilo rios,
Intimigos do antigo nome santo?
Ali se hão-de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luís, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?* (VII, 6 e 7)

O galo indigno é o rei Francisco I que deveria ir combater os mouros em vez de guerrear os reis cristãos. Rejeita e reprova a pedra fundamental da Igreja e não segue as pegadas de Carlos Magno e de S. Luís. Não sabe defender nem guardar o nome que herdou de "Cristianíssimo":

Três aspectos sobressaem nesta análise do rei que para Camões encarna sempre as virtudes e os defeitos do povo: a indiferença, a dispersão e a separação. Não agindo, contentando-se com as glórias, Francisco I sintetiza o pensamento de J. F. de Harpe para quem *En France, le premier jour est pour l'engouement, le second pour la critique et le troisième pour l'indifférence*. A dispersão foi já motivo de censura para De Gaulle no seu livro *Memórias de Guerra* quando lastima *les ferments de dispersion que son peuple porte en lui-même*. Quanto à sua separação ideológica de Roma basta recordar as teorias de tantos escritores e a tendência constante para uma independência no seu modo de pensar a problemática religiosa⁽¹⁵⁾.

O retrato do rei, do povo, mantém uma grande actualidade.

Deixemos a França para entrarmos na Inglaterra, país que com 17 referências directas ocupa um grande lugar neste espaço - papel de que fala Roland Barthes.

O nome *Inglaterra* aparece sobretudo no relato do episódio dos doze portugueses que vão lutar com doze ingleses para defender outras tantas damas ultrajadas⁽¹⁶⁾. No relato do episódio cavaleiresco contado por Veloso abundam as referências aos reis,

(15) Não há muitos anos o Sumo-Pontífice João Paulo II visitou a França e em plena Catedral de Paris interpelou o povo perguntando: - França, que fizeste do teu baptismo?

(16) O mais célebre de todos os cavaleiros é o Magriço Álvaro Gonçalves Coutinho, irmão do 1º conde de Marialva e filho de Gonçalo Vaz Coutinho, família originária de Penedono, na Beira Alta.

à corte, a duques. Aí se fala da *corte inglesa* (VI, 44 e 59), *do rei inglês com toda a sua corte*, isto é, Ricardo I (VI, 60), *do duque Alencastro* (VI, 46) que é um *inglês potente* (VI, 47) e *experto* (VI, 50). É ele que escreve a Portugal pedindo cavaleiros para vingar damas sem defesa (VII, 5). Depois de terminado o torneio e consumada a vitória portuguesa, o narrador conclui dizendo *cat a soberba inglesa de seu trono* (VI, 65).

As damas resgatadas da sua ignomínia são *gentis* (VI, 44), *agravadas* (VI, 49) e *com lágrimas fermosas* (VI, 46).

Noutro momento do poema se fala de duas irmãs dadas em casamento ao rei de Portugal e ao rei de Castela, respectivamente Dona Filipa e Dona Catarina. Elas são

Gentis, fermosas, inelítas princesas (IV, 47).

Sigamos também nós o exemplo de Veloso e não gastemos mais tempo nesta análise para nos determos numa leitura atenta desta passagem de *Os Lusíadas*.

*Vede'lo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santíssima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia
(Quem viu honra tão longe da verdade?),
Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade:
Pera os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.*

(VII, 5)

Henrique VIII estabelece a Igreja anglicana. Procura viver só para o prazer. É duro, mas não utiliza a sua força para defender a cidade de Jerusalém de que se orgulha ser rei e senhor. Vemos os ingleses amantes da realeza, separados. Dentro e fora da Europa. Como hoje.

A visão da Europa não poderia ficar completa sem visitarmos a Espanha e Castela, os nomes de países europeus mais utilizados por Camões⁽¹⁷⁾.

Se juntarmos à frequência o local na frase, os qualificativos que acompanham os nomes, havemos de verificar que o poeta tem por Espanha uma alta consideração. Se em 7 ocorrências o substantivo *Espanha* está só, em 6 casos está valorizado por estes adjetivos: *fortíssima* (I, 31), *nobre* (III, 17, 103), *toda* (IV, 49), *beligera* (VII, 71), *ignota* (VIII, 45). Aparece normalmente anteposto a Espanha ou gente de Espanha o que mais faz salientar a convivência do narrador com as terras de Espanha. Como bem refere Eduardo Lourenço, o poeta fala da

(17) No seu conjunto Espanha e Castela têm 50 ocorrências assim distribuídas: Espanha, 13; espanhol 1; Castela, 16 e castelhano, 20 (13 como substantivo e 7 como adjetivo).

Espanha com orgulho, vendo-a ao mesmo tempo pátria comum de espanhóis e de portugueses. E fá-lo com *cet orgueil ibérique, cette exaltation, ce sentiment de proéminence historique*⁽¹⁸⁾. Nesse momento, com efeito, reinavam em Espanha e Portugal dois reis que haviam dividido o mundo em duas metades, sobre as quais dominavam. Estreitemos a visão para contemplar só Castela, à qual o poeta se refere directamente por 15 vezes e em 11 casos sem qualquer qualificativo⁽¹⁹⁾. Tal pormenor indica-nos que o poeta se oculta, só se revelando nos momentos em que Castela é oposta a Portugal. O poeta compadece-se com a *miseranda gente de Castela* (II, 105) na Batalha do Salado. Exprime admiração e quase exaltação quando D. Nuno Álvares Pereira vence o *potente reino de Castela* (IV, 57), o *povo ingente de Castela* (VIII, 29).

É uma maneira indirecta de mais ainda cantar as glórias nacionais.

Bela é a língua castelhana utilizada pelo Monçaide, essa *clara língua de Castela* (VII, 29) que o mouro intérprete já conhecia.

Para a deusa Thetis, Castela é mesmo amiga dos portugueses, *Castela vossa amiga* (X, 139).

Espanha e Castela são dignas de toda a consideração, pois são povos capazes de vencer o próprio destino. Camões não tem dos nossos irmãos a visão que depois se radicou no inconsciente colectivo após a perda da independência nacional.

*Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio e glória estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
Mas nunca poderá, com força ou manha,
A Fortuna inquieta pôr-lhe nodá,
Que lha não tire o esforço e ousadia
Dos belicosos peitos que em si cria.*

(III, 17)

O poeta não me permite que eu ataque a Espanha, nem mesmo que a deprecie.

Se atentarmos agora no substantivo castelhano, havemos de concluir que o poeta tem igualmente uma atitude de consideração para com os castelhanos individualmente considerados. O termo *castelhano* referido em 20 ocasiões vive associado por antonomásia, a pessoas nobres, reais, importantes. Estão por esta ordem, nos cantos do poema, as seguintes personagens: Afonso VII de Leão (III, 36); o rei da batalha de Tarif (III, 112); D. João de Castela (III, 138) que é o marido de D. Beatriz

(18) Eduardo Lourenço, obra citada, p. 98.

(19) Castela aparece nestes cantos: III, 19, 37, 99, 108; IV, 6, 7, 42; VI, 47, 56; VIII, 25, 27.

(IV, 7); o rei a quem se dirige Egas Moniz (VIII, 14); D. Pedro Fernandes de Castro (VIII, 22) e finalmente os 400 guerreiros que combatem com 17 portugueses chefiados por Martim Vasques da Cunha (VIII, 35). Todos estes reis, nobres e guerreiros, são denominados simplesmente por o *castelhano*.

As gentes das terras que foram cantadas por António Machado e percorridas por Santa Teresa de Ávila em auréolas iluminadas merecem os melhores aplausos do autor de *Os Lusíadas*. O castelhano é *temido* (I, 25), *grande e raro* (III, 19; *soberbo* (III, 34, 99; IV, 24), *bravo* (II, 114). *Sublime* é o rei (III, 101). *Sublime* é também a bandeira castelhana quando *Foi derrubada òs pés da Lusitana* (IV, 41). *Oprimidos* só na batalha de Aljubarrota.

Camões não é um nacionalista como nós gostaríamos que fosse, por dois motivos fundamentais. Primeiramente porque só então na época do Renascimento se começavam a constituir as nacionalidades no espírito que depois vigorou. A Espanha e a França são filhas deste tempo. Em segundo lugar porque o poeta soube prever com segurança profética que o nacionalismo exacerbado seria a causa dos maiores desastres do velho continente. Camões recusou sabiamente aquilo que Jean - Pierre Faye chama *la rage nationale*, factor constante de destruição, de sofrimento e de morte individual e colectiva⁽²⁰⁾.

Ao longo da sua história a Europa tem vivido rasgada na sua carne, vítima das suas contradições, sempre à procura dela mesma. Sendo uma *portátil Europa*, na expressão de Balthasar Gracian continua vogando não já sobre as ondas encapeladas do mar, mas sobre as imprecisões que a atormentam.

Impõe-se por isso que a Europa tome consciência do seu passado, da sua identidade. *Il lui faut au préalable retrouver sa mémoire dans sa totalité, avec ses ombres et ses lumières*, como escreveu Jacques Delors no prefácio ao livro já citado de Jean-Pierre Faye.

Esta memória é fundamental para que a Europa possa viver unida.

Eu tomo aqui memória no seu sentido étimológico (memória - mesmo) tão querido a Camões.

Ter memória é ser nós mesmos, não é recordar. Ter memória é guardar as raízes que nos ligam à terra que nos viu nascer, àqueles que nos deram o sangue, a vida e aos nossos mortos.

Afadigam-se os sociólogos em saber se os emigrantes vão

(20) Jean-Pierre Faye - op. cit. p. 289.

ficar ou regressar. Senhores, dizia um analista do CNRC, não interroguem os vivos, interroguem antes os mortos. Os vivos regressam enquanto vêm os mortos para repousar ao lado dos antepassados. O dia em que ficarem os mortos em terras de França, ficarão também os vivos.

Quantos dos nossos mortos ficaram nas ondas do mar ou nas terras quentes dos trópicos, quantos ficam hoje sepultados em terras de Europa. Começando a ser uma Europa de mortos, somos efectivamente uma Europa de vivos, talvez excêntrica, porque vivemos voltados para o mar, para o infinito.

Porque abrimos caminhos desconhecidos, saudando outros povos, apreciando outras culturas, cruzando outros olhares, demos à Europa uma outra dimensão, outro horizonte.

À imitação de Camões cada português deve ter um olhar poético e precursor, militante e consciente, português e europeu, católico e universal. Um português para ser português tem que ser tudo ou como diz Fernando Pessoa *o português que é só português não é um verdadeiro português*.

Mas, quando o português é oriundo destas terras da Beira, ele nunca poderá ser ele mesmo, nunca poderá ser o outro. Viverá sempre à beira de, porque situado entre o norte e o sul, a Espanha e o mar, o ter e o ser, a terra e o céu. O nosso destino é guardar-nos e guardar. É estar à beira dos outros e de nós mesmos. É por isso que somos livres e libertos nestes contrafortes da Estrela, onde se reflectem as estrelas que guiaram as nossas descobertas e onde os jovens desde sempre viveram na inquietação. O que é um bem, porque quando *a juventude arrefece todos batem o dente* no dizer de Bernanos.

Espero bem que esta oração tenha sido de sapiência no sentido etimológico da palavra isto é que tenha sido *sabor*.

Vou finalizar agradecendo o terem vindo a esta casa tão bela - quase com requintes de luxo e que é um grande sucesso. É por isso que às vezes lhe atiram pedras, porque como diz o ditado chinês *só se atiram pedras às árvores que têm fruto*. Vejam como a nossa linguagem que é sapiencial, e a nossa cultura estão influenciadas pelos povos do Oriente, do próprio Japão, povo para quem a mesma palavra que significa *crise* quer também dizer *começo* e a quem nós demos um pouco do que temos e somos.

Para provar ainda mais a nossa universalidade gostaria de terminar com o nosso obrigado mas dito na língua do país do sol-nascente^[21]. É que os japoneses agradecem utilizando a palavra portuguesa *obrigado*.

Se somos universais, somos forçosamente europeus. É então que somos verdadeiramente portugueses.

[21] A influência de Portugal no Japão é bem estudada por Keilo Kirishima no seu artigo *Quand le Japon était à la mode portugaise* in *Critique* - (l' époque lusitanienne) Agosto - Setembro 1988 - N° 495-496 Paris, P. 648-657.